

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

18



Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς
ἡμερῆς ἐπισημοῦς ἡμερῆς ἐπισημοῦς
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

BARBARA LEVICK, *Julia Domna. Syrian Empress*, London/New York, Routledge, 2007, xxxi + 244 pp., ISBN 978-0-415-33144-9.

Um certo e assumido fascínio da A. pela figura de Júlia Domna, a imperatriz romana que assistiu e participou na fundação da dinastia severa, perpassa por esta biografia que constitui uma síntese actualizada da vida de Domna e um estudo do *status quaestionis* de alguns dos aspectos mais discutidos da sua época e da sua pessoa.

A estrutura seguida pela A. é essencialmente cronológica, com um capítulo inicial dedicado a Émesa, a cidade síria da qual Domna era originária. Nos capítulos seguintes, ordena, de forma simultaneamente diacrónica e temática, o período de vida da imperatriz. Os três últimos capítulos versam sobre o polémico «círculo literário» de Júlia Domna, a imagem desta e o culto imperial de que foi alvo, e encerra com um breve resumo dos dois últimos principados da dinastia severa.

A metodologia seguida compreende a abordagem de todos os tipos de fontes à disposição, relevando e abordando criticamente as fontes literárias, mas recorrendo igualmente a fontes numismáticas, escultóricas, a inscrições epigráficas e a todos os dados que permitam à A. uma leitura mais fiável da realidade e ao leitor uma melhor compreensão do discurso, para o que concorrem também os frequentes exemplos de tempos posteriores ao abordado, sobretudo os períodos bizantino e medieval, mas incluindo referências frequentes à história da Grã-Bretanha, o que se compreende se tivermos em atenção que se trata de uma obra sobretudo destinada ao público anglófono.

Júlia Domna é uma figura intrinsecamente política, e é esse o traço caracterizador que mais se destaca e perpassa ao longo de todo o livro. Os capítulos que traçam o seu percurso biográfico fornecem uma contextualização política da época, por vezes extensa, com personalidades e acontecimentos que formaram e condicionaram a actuação de Domna, desde a sua escolha para esposa por Septímio Severo, com a análise necessária do oráculo que a predestinava a «esposa de um rei», à importância que terá tido como elemento de ligação com o Oriente nas várias viagens durante as quais acompanhou o *princeps* e à sua situação de imperatriz durante os governos do marido e do filho, incluindo a ascensão e queda de Plautiano e a relação que terá tido com o exército, assumido pela casa imperial como o mais fundamental elemento de conservação do poder.

Destacando-se das demais mulheres imperais pela sua actuação política, e na posição de imperatriz, Domna terá usufruído de privilégios,

títulos e de uma presença geralmente considerada determinante nos principados de Septímio Severo e de Caracala. As obras de Dion Cássio, Herodiano e a *Historia Augusta* contribuíram para a imagem de uma mulher profundamente comprometida com a tomada e o uso do poder e receptora de inauditas honras públicas. B. Levick procede a uma útil distinção entre os títulos e privilégios, a eles associados ou não, que eram já usuais para as mulheres da família imperial, como o de *augusta*; aqueles que, não sendo comuns, tinham já precedentes (sobretudo Agripina, a Jovem, e Faustina, esposa de Marco Aurélio), como a presença visível e até predominante no *concilium* do *princeps*; e privilégios novos, como a celebração da vitória de 213 em nome de Caracala e de sua mãe ao mesmo tempo. Porém, esta visibilidade de Domna e das mulheres da família imperial que a antecederam é justificada pela A. em função da utilidade política, legitimadora ou não, que os elementos femininos tiveram na história de Roma e a sua viabilidade é explicada pela própria personalidade da imperatriz, a sua proveniência familiar, a relevância da sua fecundidade na estabilidade dinástica e do próprio império, a maleabilidade do imperador (marido ou filho) e o contexto no qual se moveu. Com esta abordagem, a A. reduz a hipotética «novidade» que o período dos Severos teria trazido ao lugar da mulher na estrutura do poder, desmontando essa visão mais próxima das fontes literárias, pelo menos para a primeira das mulheres de Émesa a aproximar-se do governo imperial.

O famoso e controverso «círculo literário» é objecto de análise em capítulo próprio, bem como a educação que Domna terá recebido nos primeiros anos de vida. B. Levick traça a história da evolução do círculo, desde as referências a Filóstrato e à importância da segunda sofística até ao entusiasmo do século XIX, redimensionando-o e procurando estabelecer a identificação e caracterização dos seus membros, bem como as ligações a fenómenos contemporâneos como o emergente cristianismo. Os cultos são, juntamente com a imagem, o tema do penúltimo capítulo, e nele a A. desmonta o papel de Domna e dos imperadores na construção de uma religião fundamentadora do poder, estabelecendo a existência de um contexto e de antecedentes na criação das supostas inovações auto-justificativas dos Severos, enquanto aponta a responsabilidade da família imperial na aceitação e mesmo promoção de iniciativas cultuais e mesmo numa certa orientação religiosa que é tradicionalmente atribuída a esta dinastia.

A obra apresenta uma considerável oferta de instrumentos de trabalho úteis ao leitor, tais como mapas, árvores genealógicas, a cro-

nologia da dinastia severa, índices geral, onomástico e topográfico, glossário de termos antigos e imagens a preto e branco de boa qualidade e legibilidade. O único reparo a fazer é a ausência nos mapas de locais referidos no corpo textual. Destaca-se sobretudo uma vasta e actualizada bibliografia, na qual a autora separa as fontes coevas e fornece obras específicas para o estudo de cada uma delas, para além das obras historiográficas que preenchem as onze páginas que constituem a abundante bibliografia geral.

É um livro de leitura agradável e fluida, escrito num inglês acessível, no qual a A. intercala factos, personalidades e datas com exemplos de outras épocas e referências ocasionais ao que pensa terem sido os pensamentos, emoções e hipotéticas acções de Domna em determinado momento, o que torna a obra atraente a um público mais vasto e contribui para a divulgação da vida e actuação desta imperatriz romana, cumprindo o duplo e assumido objectivo de mostrar a pessoa actuante de Júlia Domna e fornecer o retrato do tempo de mudança que foi o da sua vida.

Aurora Mocho

MONICA SILVEIRA CYRINO, *Big Screen Rome*. Malden, Blackwell Publishing, 2005, 274 pp., ISBN 1-4051-1684-6.

O crescente interesse dos estudos clássicos por fenómenos da cultura de massas tem tido um dos seus reflexos mais significativos na publicação de obras centradas na questão da representação das civilizações da Antiguidade Clássica no cinema. Exemplo desse reflexo constitui *Big screen Rome* de Monica Silveira Cyrino, uma obra que, tal como o título indica, se centra na análise de filmes que se firmaram, na cultura popular do século XX, como expoentes identitários da noção de Roma. O conjunto de filmes analisados – *Quo vadis?*, *The Robe*; *Ben-Hur*, *Spartacus*, *Cleopatra*, *A funny thing happened on the way to the forum*, *Monty Python's life of Brian*, *History of the world, part I: the Roman empire sequence*, *Gladiator* – constitui, além disso, um núcleo validado pela experiência lectiva da autora. Partindo do pressuposto de que a apropriação e recriação do mundo romano pelos objectos cinematográficos revelam aspectos essenciais da relação dos espectadores com o mundo antigo e de que as imagens cinematográficas condicionam o contacto com os artefactos arqueológicos,